

GEOGRAFIAS DO AFETO E DO DESTERRO

Analice de Oliveira Martins¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1136-9527>

Deriva (2019) é o terceiro livro de poemas de Adriana Lisboa, escritora que se desloca sem sobressaltos entre a prosa e a poesia, a literatura e a música, o vivido e o imaginado. Agraciada em 2003 com o prêmio José Saramago por *Sinfonia em branco* (2001), a autora, também mulher em trânsito entre cidades e países, colhe dessas percepções a matéria porosa de sua poética, como afirma em entrevista a Luciano Trigo²:

Ser imigrante é uma experiência bem vinda, porque isso me tira da zona de conforto e sublinha coisas que eu de hábito não notaria, tanto no lugar onde moro quanto no lugar de onde venho, já que mudei o ângulo de observação, mas também convivo com uma sensação muito grande de deslocamento no mundo [...] Gosto de ser imigrante (claro, sou vista como imigrante, sempre), gosto das diferenças.

Em quase todas as acepções da palavra “*deriva*”, persiste a ideia de movimento, seja na atitude de desviar-se, mudar de rumos, seja na de originar-se, proceder ou provir. No livro em questão, ir e vir, chegar e partir não se excluem; complementam-se mais do que se apartam, como afirma a voz lírica em “O que fica para trás”: “e que partir sempre/ é outra maneira/ de ficar”. (LISBOA, 2019, p.51). Ou se interroga em “West End Blues”: “por que falhas partir/ por que frestas/ ficar” (LISBOA, 2019, p.30).

¹ Doutora em Estudos de Literatura pela PUC-Rio. Professora titular do Instituto Federal Fluminense (IFF) e professora colaboradora do Programa de Mestrado e Doutorado em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Autora de vários artigos acadêmicos e do livro *Entremeios: ensaios sobre literatura, cinema e comunicação* (2018).

² Entrevista concedida ao escritor e jornalista Luciano Trigo, quando do lançamento do romance *Hanói*, em 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2013/06/02/1522/>. Último acesso em 14/05/2020.

A temática do estrangeiro, do sujeito em movimento entre culturas e línguas, está também presente em seus romances, *Rakushsiha* (2007), *Azul corvo* (2010) e *Hanoi* (2013). Mas, se neles há personagens nomeados, em *Deriva*, a voz lírica só delineia perfis vez ou outra em algumas referências literárias, musicais ou espaciais. Trata-se também de um mundo em dissolução: “- abençoada esta/ falência este desfalque/esta dissolução” (LISBOA, 2019, p. 26).

A autora elege, portanto, um ponto de vista que tira proveito ou mesmo se encanta diante do desassossego da estrangeiridade, num jogo entre pertencer e estar à margem, morar e estar de passagem. É desse lugar de enunciação que observa, em “*Esfumçar bordas*”, os centros se destruírem, as matrizes incendiarem. Como preconiza o filósofo Michel Maffesoli (2001, p.95), em *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*, “Ninguém pode se gabar de ter uma morada permanente. Em suas diversas manifestações, a vida é sempre um caminhar entre o aqui e o alhures”. Da mesma forma, os sujeitos em deriva estão sempre por um tempo a “habitar um não-tempo” (LISBOA, 2019, p.29), na transitoriedade do contingente que anuncia uma cartografia outra, como em “Desmapa”: “(o que ainda há a mapear?/ e que interesse há convenhamos/ em saber que chão é este?)” (LISBOA, 2019, p.29).

Há, em *Deriva*, três situações bem delineadas e também entrelaçadas de deslocamento ou de trânsito: a social, a lírico-amorosa e a artística. Quanto ao aspecto social, a condição estrangeira, migrante, à margem da sociedade, constitui uma voz enunciativa recorrente em vários poemas, transcendendo o aspecto intimista e olhando ao redor, ao redor do mundo. Em “Meu amigo”, afigura-se o enfrentamento diário daquele que se sente “ilhado, endividado, acochado”, mas ainda assim sai à rua e faz o mundo se dobrar “aos dentes explícitos que ele arrisca/ por baixo do veludo do batom” (LISBOA, 2019, p.16). Tempos calcários de “descumprir as ordens do patrão” e arrancar “da terra mais preta [...] a insurreição de um pé de fruta” (LISBOA, 2019, p. 18). Por isso, o estar à margem faz parecer que “viver é estar/ quase sempre na fila errada” (LISBOA, 2019, p.31)

De forma ainda mais explícita, no poema “Migrantes”, abre-se a ferida contemporânea dos trânsitos compulsórios, do “cosmopolitismo do pobre”, na expressão do crítico literário Silviano Santiago (2004), situação na qual a identidade que se carrega na mala não é um documento, mas sim o idioma nacional, a casa abandonada, numa viagem errática e de subtração: “mas agora desancorados já não sabem/ em idioma algum o que

deixam/ nem o que são/ nem o que somam/ nesta viagem que é um longo/ e lento aprender a flexionar/ sinais de subtração” (LISBOA, 2019, p.53).

A reflexão sobre a morada do Outro que se passa a habitar realoca antigos pertencimentos e subverte as raízes. Se as matrizes se incendiaram, o subterrâneo da raiz há de ser improvisado com outros recursos, extraído do ar, pois, na pátria dos outros, deve-se “calcar os pés[...] errar/ a fala dos outros calar/ a língua dos outros” (LISBOA, 2019, p.52).

Os migrantes contemporâneos partem desancorados, queimam navios, não como o fizeram os gregos antigos (para vencer ou morrer), como adverte a voz lírica, mas porque ardem sós: “queimar navios [...] como/ quem finca os pés/ na proa de um novo mundo/ e arde por si/ só”, divisando “linha de vida tão frágil”, “âncora unhada no chão” (LISBOA, 2019, p. 57), para, então, como vislumbra a voz lírica no poema “Deriva”, “tocar com o dedo/ uma linha de chegada/ um porto entre duas clavículas/ tanta morte iludida/ pela ilusão de uma praia/ por um avesso de oásis/ na enormidade deste mar sertão” (LISBOA, 2019, p. 59).

Em “A um amigo que espera”, a voz lírica diz encontrar-se “empoleirada num mundo que tende à ruína” (LISBOA, 2019, p. 64), à dissolução e ao desfalque. É tal condição que coloca em trânsito, *in motion* (em movimento) toda sorte de estrangeiros (trabalhadores, exilados, refugiados, ilhados). O eu que se vê esfumado em “Espelho meu” é o mesmo que sai “à praça contra o intolerável” (LISBOA, 2019, p.65). Do mais íntimo e privado ao mais público, há sempre um movimento de pertencimento ou de desenraizamento.

Do ponto de vista lírico-amoroso, geografias e afetos se abraçam, por vezes, acalentando o desterro, como em “Alpine, Texas”:

Meu corpo e o seu
à deriva
no sono num quarto de hotel
em dois cantos da cama
por demais king size,
[...] mas basta esticar o braço
basta esticar o braço e
alcançar o seu corpo este
que há mais de uma década
encontro
no fundo da noite
que habitamos
em qualquer Alpine, Texas
em qualquer lugar”. (LISBOA, 2019, p.22)

Para o desamparo do desterro, resta, ainda que tímido, “o refúgio deste mundo/ o arrimo desse amor” (LISBOA, 2019, p.23), mas que também não é porto seguro, como alerta, com alguma acidez, a voz lírica: “Eu te darei o céu meu bem/ (o paraquedas/ é por sua conta)” (LISBOA, 2019, p. 43).

Esses versos últimos fazem parte de uma seção intitulada “Três canções”, em que letras de música são o mote para os poemas, não apenas em exercício intertextual, como também no trânsito entre palavra e melodia, palavra e memória musical, espécie de deriva autoficcional da Adriana musicista: “Roçar o arco sutilmente/ sobre as cordas da viola roçar/ o mínimo roçar/ o suficiente/ para produzir um som [...] este som sem adjetivos este som/ que existe em meus ouvidos” (LISBOA, 2019, p. 36). Mas talvez seja na memória afetiva que as melodias se tornem mais densas e penetrantes: “minha mãe a me tomar nos braços/ a dançar comigo/ ao ritmo do jazz-band” (LISBOA, 2019, p.46) ou no “chiado da palha da vassoura” do velho varrendo a calçada em Havana (LISBOA, 2019, p.49).

Quando a voz lírica se pergunta o que há ainda a mapear, talvez, seja possível pensar também nos territórios da palavra, pois não restam dúvidas de que *Deriva* propõe que se habitem “uns versos/ a que não falte um estranho/ – o grão de sal e mostarda/ um grau de atrito detrito/ dissenso [...] umas palavras válidas por hoje” (LISBOA, 2019, p.19). A partir das percepções do “estranho” e do “dissenso”, Adriana Lisboa traduz em versos, portanto, as derivas do contemporâneo.

Referências

- LISBOA, A. **Rakushisha**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- LISBOA, A. **Azul Corvo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- LISBOA, A. **Hanói**. Rio de Janeiro, Alfaguara, 2013.
- LISBOA, A. **Deriva**. Belo Horizonte: Relicário, 2019.
- MAFFESOLI, M. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SANTIAGO, S. **O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

Resenha recebida em: 15.03. 2021

Resenha aceita para publicar em: 07.07.2021